



A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA: um debate a partir dos princípios do método

RODRIGUES, Aline de Andrade¹

MANFROI, Vania Maria²

RESUMO: O presente estudo objetiva realizar uma reflexão sobre o recorrente debate em torno da indissociabilidade teoria e prática. O Serviço Social é uma profissão que se insere na divisão sociotécnica do trabalho e que se concretiza por sua intervenção na realidade social, no entanto isso ocorre, a partir de uma dimensão teórica, ética e política, mesmo que sejam elas implícitas, ou mesmo inconscientes. Portanto, cabe refletir e refutar as afirmações que dicotomizam a relação teoria e prática que surgem no exercício profissional e que apontam o campo profissional como o lugar da prática e o acadêmico como lugar da teoria. Em consonância com as referências hegemônicas da profissão, do materialismo histórico-dialético, apresentamos os princípios ontológicos presentes em Marx, questão fundamental para viabilizar os processos de desvendamento e leitura da realidade relacionados com a atuação do assistente social em tempos que a ofensiva da razão instrumental e fragmentária imperam na realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria e prática, Serviço Social, método crítico dialético

1. INTRODUÇÃO

As necessidades sociais que são historicamente determinadas colocam às profissões os desafios de encontrarem as respostas às demandas apresentadas pela realidade social. Esta realidade é permeado por embates e disputas de diferentes direções e projeções sociais para responder às demandas do real, ou seja, os profissionais dão respostas a partir de uma concepção de sociedade e de profissão. No atual contexto de profundas regressões sociais, o Serviço Social enquanto profissão é impactado por esta dinâmica e busca alternativas de intervenção e vai projetando o seu modo de ser coletivo e histórico. Essas alternativas poderão responder, de forma imediata às demandas que chegam ao profissional (ou à profissão), ou poderão ir para além destas, isto é, ao encontro de uma perspectiva de profissão comprometida com um projeto societário de emancipação humana (NETTO, 1996).

O profissional que se compromete com esse direcionamento assume o compromisso profissional a partir de um embasamento teórico e político, que subsidiará a sua atuação profissional, ou seja, pauta-se na construção de uma teleologia fundada em uma clara

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado (Fapesc). aalinear@gmail.com

² Professora Titular Aposentada do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. vaniamanfroi@gmail.com



direção social. Lembramos, a partir de Marx, que o homem, diferente dos outros seres da natureza, possui uma característica ontológica. Para a sociedade humana o trabalho é uma categoria fundante, pois a capacidade teleológica possibilita a projeção e a escolha das formas de atuação perante a realidade social, a partir uma direção consciente que visa à transformação de uma matéria, um objeto, etc.. Esta direção se referencia em princípios fundamentais expressos no Código de Ética do Assistente Social, que apregoam o comprometimento com sua população usuária, a classe trabalhadora (NETTO, 1996).

Diante destas considerações, este trabalho se preocupa em retomar a noção de indissociabilidade entre teoria e prática, numa perspectiva dialética, ou seja unidade na diversidade, reconhecendo as particularidades dos diversos processos sociais, a partir da relação contraditória própria da realidade social. Toda forma de atuação humana e, mais especificamente, a ação profissional parte de referências teórico-práticas para instrumentalizar a ação, no entanto, muitas vezes na profissão há a negação do lugar da teoria no âmbito do exercício profissional³. Diante do contexto das mudanças recentes do capitalismo mundial financeirizado há a preponderância de uma modalidade de razão vinculada a esse movimento do capital neoliberal, da razão fragmentária, imediatista, pragmática, instrumentalizada. Há, mesmo, um amplo movimento de negação do papel da razão e da própria ciência.

Parece precioso este debate no momento presente da profissão, em que alguns autores reconhecem o ressurgimento de um movimento de *reatualização do conservadorismo* no Serviço Social⁴, e que revelam um movimento em acordo com as tendências pós-modernas que privilegiam a heterogeneidade, “a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais” (HARVEY, 2017, p. 19). Em contraponto a este entendimento, nossa preocupação está na superação de uma prática rotineira, empiricista, fragmentada, desarticulada e que ultrapasse a apreensão teórica academicista, assim como tratou Cartaxo, Manfroi e Santos (2012).

O presente trabalho tem como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre o tema da relação teoria e prática e não se esgota aqui, mas pretende contribuir para o debate. Muitas das reflexões presentes são advindas da pesquisa “Mercado de Trabalho dos Assistentes Sociais de Santa Catarina: Formação e Exercício Profissional”. Num primeiro momento visamos problematizar a relação teoria-prática no Serviço Social. Em seguida,

³ Estudos realizados a partir da pesquisa Mercado de Trabalho dos Assistentes Sociais de Santa Catarina entre os anos 2008 e 2010 apontam, por parte dos assistentes sociais, que a formação permanente estava vinculadas às demandas do imediato da realidade, também a indicação de referências teórico-metodológicas como manuais institucionais ou mesmo legislações (Estatuto do Idoso, Estatuto da Criança e do Adolescente, Constituição Federal, Política Nacional do Sistema Único de Assistência Social, o Sistema Único de Saúde, etc.). Ao serem questionados sobre a importância da graduação na sua formação, as respostas indicavam uma compreensão dicotomizada da relação teoria e prática. Dois desses estudos motivaram a elaboração do presente artigo: Rodrigues (2010) e Rodrigues (2013).

⁴ As seguintes referências auxiliam sobre o assunto: Mota e Amaral (orgs) (2016) e Iamamoto (2014).



apresentaremos princípios do método crítico dialético como um arcabouço necessário no desvendamento da realidade e que, por seguinte, iluminam a pensar as estratégias de atuação nesta mesma realidade.

2. A relação teoria e prática no Serviço Social

Para lamamoto (2006), as discussões em torno dos fundamentos da formação em Serviço Social nos anos de 1980 – momento da retomada e consolidação da *intenção de ruptura* (NETTO, 2015) – estavam voltados ao objetivo de criar um perfil de formação profissional que aportasse a competência teórico-crítica tomando como referência os principais fundamentos teóricos do pensamento social da modernidade e as expressões teórico-práticas no Serviço Social. Esse período também se expressa pela relação de “afinamento com a teoria social crítica”, teoria esta que daria os subsídios teóricos para a compreensão da “questão social”⁵, desvelando seu fundamento de produção e reprodução.

Diante disto, afirmou-se um projeto profissional pautado numa perspectiva crítica que reconhece o papel do assistente social de se colocar ética e politicamente frente às demandas do seu espaço sócio-ocupacional, mesmo compreendendo as limitações presentes neste contexto, o profissional vislumbra as possibilidades concretas de atuação a favor das classes populares e que podem ser criadas e recriadas individual e coletivamente.

No entanto, se os anos 1980 abriam a possibilidade de retomada da democracia, mesmo que burguesa, de ampliação dos direitos sociais que estão expressos na Constituição de 1988, nesse momento, segundo Guerra (2010, p.4), vivemos uma nova sociabilidade do trabalho, gerida por uma “cultura de adaptação às novas normas da sociedade flexível e de um perfil mais adaptativo de trabalhador”. A precarização e o desemprego transferem ao trabalhador a responsabilidade por sua manutenção no mundo do trabalho. A busca pela qualificação profissional leva os profissionais a realizarem, em alguns casos, cursos “aligeirados”, sem qualidade ou direcionados para habilitação no domínio instrumental, sem o devido aprofundamento e domínio de conhecimentos que uma profissão requer. Esta “qualificação” vincula-se às diretrizes do mercado de trabalho, que influencia a própria formação profissional dos assistentes sociais quando eles são submetidos (ou permitem se submeter) aos programas de treinamento com vistas à conformação de um específico perfil profissional, através de conteúdos técnicos ou comportamentais (GUERRA, 2010).

⁵ Para lamamoto (2014, p. 156) a questão social está intrinsecamente associada a sociabilidade capitalista e é fruto das as configurações assumidas pelo trabalho e pelo Estado na expansão monopolista do capital, “condensa um conjunto de desigualdades e lutas sociais produzidas e reproduzidas no movimento contraditório das relações sociais alcançando plenitude de suas expressões e matizes em tempo de capital fetiche”.



Os assistentes sociais têm sua atividade profissional exercida majoritariamente no âmbito da esfera estatal definida pelas diferentes políticas públicas e que foram sendo conformadas em uma lógica fragmentária de atendimento às necessidades imediatas e demandas oriundas da realidade social. São políticas sociais específicas e fragmentadas para segmentos da classe trabalhadora, de diferentes áreas, para diferentes gerações, para diferentes sexos e gêneros, para distintas regiões, etc. Essas formas expressam o limite da atuação profissional e que, por isso, muitas vezes limitam também a capacidade elucidativa do profissional em capturar as reais demandas e necessidades da classe trabalhadora devido ao fato de não recorrerem a referências teórico-metodológicas que possibilitem entender e desvendar essa dinâmica na sua processualidade e vinculada à totalidade social. Essa capacidade elucidativa, muitas vezes influenciada por uma lógica que reivindica metodologias pragmáticas e procedimentos de intervenção, alia-se a uma ausência de pesquisa e sistematização das ações desenvolvidas na prática profissional, de qualificação permanente numa perspectiva crítica, e reforça a dimensão de ser uma profissão caracterizada por um “profundo anti-intelectualismo”, fruto da sua formação que marca a sua gênese calcada no doutrinário de influência católica (GUERRA, 2016).

A atuação dos assistentes sociais diante das demandas que se apresentam à atividade profissional impõe o exercício da capacidade intelectual de análise da realidade, como pressuposto para compreender a dinâmica da realidade em que está envolvido e, conseqüentemente, apresentar as respostas aos sujeitos envolvidos no contexto do trabalho. Esse pressuposto, portanto, vincula-se a uma concepção de que para a atuação profissional importa reconhecer a relação dialética que se estabelece entre teoria e prática.

É preciso considerar, compartilhando da ideia de Santos (2010), que “ler e interpretar o objeto de conhecimento não é, conseqüentemente, proceder à mudança”, no entanto, a afirmativa de que *na prática a teoria é outra* caracteriza um equívoco dos assistentes sociais no que concerne à função da teoria e da prática. Para a autora:

Teoria é a apreensão das determinações que constituem o concreto; e prática é o processo de constituição desse concreto; teoria é a forma de atingir, pelo pensamento, a totalidade, é a expressão do universal, ao mesmo tempo que culmina no singular e no universal. É pela teoria que se podem desvendar a importância e o significado da prática social, ou seja, ela é o movimento pelo qual o singular atinge o universal e deste volta-se ao singular. A prática é constitutiva e constituinte das determinações do objeto, gera produtos que constituem o mundo real, não se confunde, portanto, com teoria, mas pode ser o espaço de sua elaboração. Nesse caso ela só se transforma em teoria se o sujeito refleti-la teoricamente. (SANTOS, 2010, p. 27)

Pois bem, essa concepção sobre teoria e prática remete ao questionamento de que tipo de teoria temos nos ocupado como categoria profissional no cotidiano do trabalho. Historicamente nos referenciamos no método crítico dialético – concepção que foi incorporada pela profissão, especialmente após o marco do Congresso da Virada - e que



nos dá subsídios de elucidação sobre os processos de conhecimento sobre a produção e reprodução da vida social e que, portanto, auxilia a profissão em seu processo de intervenção profissional. Assim, o discurso de que na prática a teoria é outra é inócua.

Marx, nas teses sobre Feuerbach demonstra o lugar que o conhecimento ocupa na dimensão investigativa, elucidativa e, portanto, advoga que:

A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza ceterior de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado da prática – é uma questão puramente *escolástica*” (MARX, 2007, p. 533).

Marx nos ajuda a compreender que o conhecimento e a aproximação com a verdade estabelecem um vínculo intrínseco com o real, com a dimensão prática. Portanto, mesmo numa profissão interventiva, é importante reafirmar que não há espaço para separação entre teoria e prática, e há uma necessidade de superação entre a falsa ideia da dicotomia entre teoria e prática. O que Marx está chamando a atenção é que a teoria proposta pelo materialismo dialético não pode ser apenas o pensamento sobre o real, visto que ele não está autônomo da realidade, a validade da teoria está posta no próprio real.

Diante disto, Santos (2010) vai defender a o método como vinculado a uma determinada perspectiva, em que possibilita ao sujeito “apreender o movimento do objeto, o movimento da realidade em sua totalidade”, é assim que a partir de Marx se “busca a conexão interna e necessária entre os fenômenos. Seu método é o método pelo qual o pensamento se apropria do objeto” (SANTOS, 2006, p.25). Ao mesmo tempo a autora afirma que que sujeito e objeto se auto implicam, mesmo que vistos como componentes opostos que interagem dialeticamente constituindo uma unidade.

Netto (2011) vai dizer que a teoria é uma forma particular do conhecimento diferente do conhecimento mágico-religioso, da arte, do conhecimento prático da vida cotidiana. Mas distinguindo-se destas formas, a sua especificidade se dá no conhecimento de um objeto (de sua estrutura e de sua dinâmica).

Encontramos eco a respeito deste debate também em Moraes (2009) que advoga que “a teoria tem consequências”. E aqui nos cabe um questionamento sobre quais referências têm balizado as análises dos assistentes sociais sobre as dinâmicas da vida social, sobre as quais também referencia sua atuação profissional, no seu cotidiano profissional. Parece pertinente uma reflexão sobre as matrizes teóricas que têm conexão com a dinâmica atual do capitalismo.

Moraes (2009) vai dizer que no campo da ciência e do conhecimento há uma ameaça a partir da influência do realismo empírico e do ceticismo epistemológico e do relativismo ontológico. Essas influências reduzem a compreensão sobre a realidade concreta e no enfrentamento das demandas concretas as quais elas são requisitadas a



darem respostas. O atual momento do capitalismo favorece esse tipo de racionalidade, ao mesmo tempo em que “produz crescente degradação da vida humana” (MORAES, 2009, p. 317).

Este tipo de pensamento se encontra em um contexto em que a informação e o conhecimento são paradigmas do padrão civilizatório contemporâneo, entretanto, “um conhecimento empobrecido, reduzido a um dos múltiplos ‘saberes’ que germinam com rapidez na academia e fora dela, na qual se rompe a íntima cumplicidade entre teoria e prática no processo cognitivo, ganhando esta última absoluta prerrogativa” (MORAES, 2009, p. 319). Esta razão está pautada em três princípios básicos: a *naturalização d/o capital*, o *atomismo social* e a *afirmação abstrata de valores emancipatórios*. Por isso Moraes (2009) situa sua crítica à adequação empírica e à utilidade instrumental da teoria. Para ela a agenda pós-moderna que se apresenta já nos anos 1970 tem caráter cético e pragmático e demarca uma forma de interpretar descolada da realidade, constituindo-se em simples relatos e narrativas que reivindicam a prática imediata.

Na atividade profissional, em seu mundo cotidiano as demandas que chegam ao assistente social se originam da instituição empregadora, do usuário - expressão das suas demandas e necessidades - e da própria profissão por meio de seu arcabouço teórico e político, a partir da sua projeção social que se traduz no seu aparato legal-normativo (Código de Ética, Lei de Regulamentação da Profissão).

Parece imprescindível considerar esse mundo *cotidiano* no qual o profissional está circundado, sobretudo a partir da tradição marxista que compreende que esse lugar revela o modo de ser e de reproduzir-se do ser social. Para Netto (2012), “a vida cotidiana é insuprimível. Não há sociedade sem cotidianidade, não há homem sem vida cotidiana. [...] a vida cotidiana é ineliminável” (NETTO, 2012, p.67). Entender esse lugar, onde acontece a vida e o trabalho é importante porque primeiro há uma relação direta entre cotidiano e história, um não se descola do outro, e também porque é na vida cotidiana que as respostas são requisitadas e, no caso do profissional em Serviço Social, de uma forma ou de outra, elas são dadas.

O cotidiano está marcado pela heterogeneidade, pela imediaticidade e pela superficialidade extensiva, pois os fenômenos aparecem sem os vínculos com as suas relações de causalidade e de totalidade. Eles aparecem na imediaticidade (NETTO, 2012). O caráter instrumental da teoria parece estar em consonância com a dinâmica do cotidiano no qual se encontram os assistentes sociais, estes que aspiram o *como fazer* para a sua realidade profissional, dissolvendo a relação entre teoria e prática e, ainda, se



instrumentalizando no próprio imediato para realizar a leitura sobre a realidade em que estão inseridos⁶.

Diante disto, cabe perguntar se o profissional consegue perceber nas demandas institucionais as relações de poder, de classe, de exploração, de dominação, ou apenas requisitos advindos de políticas sociais fragmentadas que mais buscam obscurecer as necessidades dos usuários do que atender às suas reais necessidades. Ainda, perguntar se o profissional se mantém mergulhado no cotidiano, em suas características de heterogeneidade, imediatividade e superficialidade, que tipo de respostas profissionais ele consegue produzir? Por outro lado, quais são as possibilidades que o profissional tem de superar essas características do cotidiano? Qual o papel da teoria nesse processo? A teoria é um conjunto de referências que ajuda a desvendar os movimentos contraditórios do real, por outro lado, ela também é produto do real, da prática, pois busca sempre captar esse processo dialético do real. Frente a isto, parece importante a profissão captar na imediatividade do cotidiano as expressões da questão social, frutos da acumulação do capital, das relações de trabalho nas quais está submetida a população atendida; bem como captar os processos de conformismo e resistência, como um mecanismo de superação da fragmentação e da individualização, próprios do cotidiano.

Porém, no cotidiano, além das noções e representatividades em que o preconceito tem a sua forma mais típica, o mais relevante está a dimensão positivista e neopositivistas

[...] fundamentadas na recepção da objetividade imediata dos processos e fenômenos sociais sendo a sua realidade estrutural. Mesmo que veladas por sofisticadas formalistas (metodologistas, epistemologistas), estas posturas não rompem com a facticidade empírica em que se dá a imediatividade da vida cotidiana. O tratamento positivista e neopositivista da cotidianidade consagra a sua imediatividade como instância de verificabilidade e controle das formulações abstratas (quando não reduz a prova destas a equações semânticas), identificando na objetividade dada imediatamente (a pseudoconcreticidade, como a batizou Kosik) a concreção da realidade. (NETTO, 2012, p. 72-73).

Podemos dizer que essa razão sofre influência de um pensamento que eterniza a sociabilidade capitalista e é funcional a ela. Essas noções alimentadas pelo relativismo, pelo irrealismo ou idealismos envolvem inclusive irracionalismos, elas certamente encontram-se no desenvolvimento da filosofia da ciência, mas certamente o “relativismo está inegavelmente presente na cultura, na ética, na política, na arte, no pensamento cotidiano” (DUAYER, 2010, p. 60). Espriam-se aos diferentes contextos da vida social.

Simionato (2009, p. 1), também nos ajuda a entender esse movimento e afirma que:

As transformações societárias desencadeadas nas últimas décadas do século XX e seus desdobramentos no início do século XXI, sob o domínio do capitalismo financeiro e da sua afirmação enquanto sistema hegemônico, exacerbaram os problemas e as contradições em todas as esferas da vida social. A razão dialética, até então afirmada como o instrumento por excelência para se analisar a realidade

⁶ Sobre a afirmação de que os assistentes sociais muitas vezes tem realizado uma leitura imediata e fragmentada da realidade, Rodrigues (2013) evidencia essa questão.



social, é desqualificada em favor das tendências fragmentárias e em detrimento dos sistemas globalizantes de explicação do mundo.

Ainda que a profissão tenha seu sentido social orientado por um código de ética que materializa um perfil profissional contra-hegemônico, reconhecemos que essas expressões da crise capitalista rebatem no aspecto ideocultural da profissão e sinaliza a emergência de reflexão a respeito destas expressões na formação profissional ou mesmo no exercício profissional, apresentando ao nosso ver, cada vez mais, o reforço necessário das categorias ontológicas e estruturantes da teoria marxista.

Moraes (2009, p.337) critica as ciências que estão destinadas ao domínio da manipulação prática da realidade ao utilizarem “técnicas crescentemente sofisticadas para polir e sistematizar as categorias dadas na mesma prática imediata”. Para a autora, coloca-se imperante a necessidade de uma ontologia crítica e realista do existente, que seja capaz de auxiliar na arquitetura das mudanças necessárias à realidade, que essa seja a sua “consequência” no auxílio a uma prática emancipadora. É em consonância com esse pensamento que reconhecemos a importância da produção marxista, especialmente através do seu aporte categorial estruturante, como componente indispensável para análise da realidade, um aporte fundamental ao trabalho do assistente social.

3. Os princípios ontológicos em Marx: os fundamentos para a análise da realidade

Diante da dinâmica atual do capitalismo contemporâneo no seu aspecto financeirizado que se revela num movimento mundial de concentração e centralização da economia, que exacerba as expressões da questão social, o assistente social vê-se no desafio de entender no cotidiano do seu trabalho a essência das demandas presentes nele. É nessa dinâmica que se apresenta a necessária unidade entre teoria e prática em que as categorias estruturantes em Marx se mostram fundamentais ao assistente social para a leitura de realidade.

Como nos ajuda a entender, Moraes (2009, p. 331) diz que se de um lado a teoria pode evidenciar a descrença, o ceticismo sobre a verdade, o conhecimento e a justiça, por outro a teoria no seu *aspecto positivo* tem uma dimensão emancipatória, ontologicamente importante para a arquitetura de uma contra-hegemonia. Portanto, alimentanda em um entendimento de que é uma *totalidade* (um complexo de complexos) na qual o ser humano participa adaptando-a “às suas necessidades, agindo sobre ela e transformando-a, ao mesmo tempo em que transforma a si mesmo”, produzindo e reproduzindo seus meios de existência” (Moraes, 2009, p. 331). Portanto, a prática é ação, transformação.



De acordo com Sheptulim (1983, p.9), compreender a natureza do método dialético, a noção de *método como um conjunto de regras que prescrevem ao sujeito a execução de ações estritamente determinadas*, é muito importante porque coaduna com uma concepção presente na bibliografia marxista, de que o método dialético se configura como um conjunto de leis universais do movimento e desenvolvimento da matéria que atuam objetivamente, refletidas nas leis e nas categorias da dialética. Portanto, o método está constituído pelas regras da atividade que o homem formula sobre a base de seus conhecimentos a respeito das propriedades e nexos da realidade objetiva, a respeito das regularidades do funcionamento e desenvolvimento do conhecimento, regras que contêm exigências de que no processo de avanço até o objetivo almejado o homem se comporte de tal maneira e não de outra, que realize tais ações e não outras. “El cumplimiento de esas exigencias puede acercar al sujeto actuante al objetivo o desviarlo del mismo, facilitar la solución más eficaz de un problema práctico o cognoscitivo, u obstaculizarla”. (Sheptulim, 1983, p. 9)

Lukács (2012, p.281) advoga que para entender a obra de Marx, é preciso compreendê-la a partir de uma concepção ontológica, já que se trata de uma interpretação sobre certo tipo de ser, também é preciso compreender que não há em Marx uma determinação de suas preocupações “em relação a teoria do conhecimento, a lógica etc. de modo sistemático ou sistematizante”. É assim que Marx reconhece uma só ciência, a ciência da história, que engloba tanto a natureza quanto o mundo humano, ele “[...] contrapôs a exigência de levar em conta, de modo concreto e materialista, todas as relações da vida humana e, antes de tudo, as relações histórico-sociais”. Para ele, “O problema da natureza aparece aqui sob uma luz ontológica completamente nova”, contrapondo-se ao pensamento religioso (LUKÁCS, 2012, p. 285).

A produção e reprodução da vida humana, aparecem em Marx como problema central, surgem tanto no próprio ser humano como em todos os seus objetos, relações, vínculos etc. como dupla determinação de uma insuperável base natural e de uma ininterrupta transformação social dessa base. A categoria trabalho, portanto, aparece como categoria central, “na qual todas as outras determinações já se apresentam *in nuce*” (LUKÁCS, 2012, p. 285-286). Outra dimensão presente nas reflexões de Marx no processo de produção e reprodução da vida é o processo teleológico do trabalho, onde se vincula a legalidade do modo de agir, e ao qual o homem coloca sua vontade subordinada.

Lukács preocupa-se em explicar qual é o método de Marx, apresentando o que considera uma questão central e importante:

quando se trata das questões atinentes ao ser social, assume um papel decisivo o problema ontológico da diferença, da oposição e da conexão entre fenômeno e essência. Na vida cotidiana, os fenômenos frequentemente ocultam a essência do seu próprio ser em lugar de iluminá-las. [...] A ciência pode obscurecer, pode deformar indicações ou mesmo apenas pressentimentos da vida cotidiana, portanto, toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem (LUKÁCS, 2012, p. 294-295).



Para Lukács (LUKÁCS, 2012, p.295) a identificação filosófica realizada por Marx tem “a função crítica ontológica a algumas falsas representações, ou seja, tem por meta despertar a consciência científica no intuito de restaurar no pensamento a realidade autêntica, existente em si”.

Ao se contrapor à ideia hegeliana do sistema, Marx elabora sua crítica baseado na compreensão da totalidade do ser na investigação das próprias conexões e busca apreendê-las em todas as suas intrincadas e múltiplas relações, no grau máximo de aproximação possível. Assim sendo, a totalidade não é uma expressão formal do pensamento, “mas constitui a reprodução ideal do realmente existente”, para ele as categorias se configuram como “formas de ser, determinações da existência”, não um constructo de uma sistemática, ou de uma estrutura hierárquica. Elas são: “elementos estruturais de complexos relativamente totais, reais, dinâmicos, cujas inter-relações dinâmicas dão lugar a complexos cada vez mais abrangentes, em sentido tanto extensivo quanto intensivo”. Por isso, para Lukács, (2012, p. 297) “a lógica perde seu papel de condução filosófica; torna-se, enquanto instrumento para captar a legalidade de formações ideais puras e, portanto, homogêneas, uma ciência particular como qualquer outra”.

4. CONCLUSÃO

Como parte do processo de formação do assistente social está a adoção do referencial crítico dialético de determinado referencial teórico, sendo este componente fundamental neste processo, pois possibilita uma leitura da realidade, uma tomada de posição e a construção de uma visão de mundo. Aprendermos o Serviço Social no exercício profissional é entendê-lo inserido em uma categoria profissional portadora de teleologia que pretende uma hegemonia transformadora e, também, como trabalhador inserido na divisão sociotécnica do trabalho que se situa entre as tensões profissionais e institucionais no seu cotidiano de trabalho, o que remete à necessidade do desvendamento da realidade, da própria complexidade em que se insere.

Nossa preocupação com o exercício profissional do assistente social se depara com uma realidade de profissionais que apresentam certa fragilidade, especialmente na formação, do conteúdo relativo ao método crítico dialético, o que se coloca como importante inclusive ao exercício profissional, e em consequência está dado neste contexto uma aparente dicotomia entre teoria e prática. Podemos, com isso, identificar certa fragilidade no desenvolvimento ou apreensão teórico-metodológica dos conteúdos curriculares da profissão. Ou, quem sabe, certa lacuna entre as dimensões teórico-metodológica e técnica-operativa, o que fragiliza a apreensão tanto de uma dimensão como da outra.



A dimensão teórico-metodológica na profissão tem sido concebida e desejada com certa utilidade, como um instrumento, se conectando às influências de uma agenda do pensamento neoliberal viabilizada pelas influências do pensamento pós-moderno, que se referencia na fragmentação da realidade, nas respostas no imediato, na negação das metanarrativas para desvendamento da realidade, impossibilitando, por conseguinte, as estratégias de atuação em contraposição às imposições imperativas do capital, também nas instituições, etc. As influências do pragmatismo na atualidade pautados no saber fazer, no domínio da prática, se caracterizam na leitura epiderme do fenômeno, revelando em si o “não querer saber”, o “não querer desvendar”, uma justificação, muitas vezes que se vincula a um atomismo profissional.

Parece coerente a defesa do efetivo diálogo entre os centros de formação e o exercício profissional em avaliação dos conteúdos da formação profissional já que os conhecimentos que florescem da realidade profissional são fundamentais para traçar os rumos daquela, sem contar que a fragilidade desta relação reduz a capacidade de viabilizar inovações e o exercício da capacidade crítica de leitura de realidade, o que pode auxiliar em reconfigurar os limites da presente na atuação profissional.

Na estreita relação entre academia e campo, formação e exercício profissional, teoria e prática se encontram as possibilidades de vislumbrar outras respostas profissionais que hoje se encontram, muitas vezes no limite da imediatez cotidiana, e que nem sempre têm conseguido contribuir com a dinâmica crítica de desvendamento da realidade social.

A capacidade intelectual do assistente social se apresenta como um componente elementar na sua atuação profissional, desvendar o seu exercício profissional e a realidade em que se insere são determinantes na projeção da sua atuação profissional. Portanto, as alternativas colocam ao ser social a possibilidade de escolhas frente as finalidades, analisar e fazer escolhas (diante de sua capacidade teleológica) o que implica dar sentido a atividade humana. Assim sendo, conhecer a realidade apresenta a sua importância na medida em que permite realizar as escolhas mais adequadas ao cotidiano, compreendendo que é por meio do conhecimento dos mecanismos, dos nexos causais, que existe a possibilidade de efetivação da finalidade. (MORAES, 2009, p. 337).

5. REFERÊNCIAS

CARTAXO, Ana Maria. B.; MANFROI, Vania; SANTOS, Maria Teresa. **Formação Continuada: implicações e possibilidades no exercício profissional do assistente social.** Revista Katálysis. Florianópolis v. 15, p. 237, 2012.

GUERRA, Yolanda. **A formação profissional frente aos desafios da intervenção e das atuais configurações do ensino público, privado e a distância.** Serviço Social & Sociedade n° 104. São Paulo. Oct./Dec. 2010.



_____. Transformações societárias, Serviço Social e cultura profissional: mediações sócio-históricas e ético-políticas. In: MOTA, Ana Elizabete. AMARAL, Ângela (orgs.) **Cenários, contradições e peijas do Serviço Social brasileiro**. São Paulo, Cortez, 2016. (p.83-110)

HARVEY, D. **A condição pósmoderna**. São Paulo: Loyola, 2017.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. – 10. ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

LUKÁCS, György. **Os princípios ontológicos fundamentais em Marx**. IN: LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES, Maria Célia. **Indagações sobre o conhecimento no campo da educação**. IN: *Perspectiva*, volume 27, n. 2 – Julho/dezembro de 2009. Florianópolis: CED/NUP. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/issue/view/1507/showToc>

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. - São Paulo : Boitempo, 2007.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e serviço social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *In: Serviço Social e Sociedade*, nº50. Editora Cortez: São Paulo, 1996.

_____. **Introdução ao método na teoria social**. CFESS/ABEPSS, Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. – 1. Ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2011.

_____. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. – 17. Ed. – São Paulo : Cortez, 2015.

_____, M. C. Brant de Carvalho. **Cotidiano, conhecimento e crítica**. – 10. ed. – São Paulo : Cortez, 2012.

SANTOS, Cláudia Mônica dos. **"Na Prática a Teoria é Outra?"**. Rio de Janeiro: Lumem Júris, 2010.

_____. **Os instrumentos e técnicas**: mitos e dilemas na formação profissional do assistente social no Brasil. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Tese (doutorado) – UFRJ/Escola de Serviço Social/Programa de Pós-graduação em Serviço Social, 2006.

SIMIONATTO, Ivete. **Expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-prática**. *In: Direitos sociais e competências profissionais*. – Brasília : CFESS/ABEPSS, 2009.

SHEPTULIN, A. P. **La dialéctica como teoría del conocimiento**. (Capítulo II). In: SHEPTULIN, A.P. *El método dialéctico de conocimiento*. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1983. P. 24-34.